

A extensão como uma sinergia de saberes e práticas

Maurício Polidoro¹

O presente relato trouxe como desafio articular ações de ensino, pesquisa e extensão no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *Campus Restinga* (Porto Alegre). Em 2014, foi criado o programa de extensão Observatório da Comunidade, cujo objetivo era agregar ações de extensão em diferentes áreas do saber, pautadas na comunidade Restinga, o que tem permitido, a aproximação com colaboradores (as) da comunidade local e movimentos da sociedade civil organizada, em parceria com a Coordenadoria de Extensão e o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI). O Observatório da Comunidade se desdobrou, também, como um sítio eletrônico, que reúne infográficos de indicadores sobre a comunidade, além de um repositório de produções acadêmicas sobre o bairro [observatorio.restinga.ifrs.edu.br].

Enquanto educador, as mudanças nas paisagens, reflexo do uso e ocupação da terra por diferentes atores que moldam o espaço geográfico, sempre me mobilizaram. Isso foi ainda mais intenso quando passei a trabalhar na Restinga.

Destarte, cabe destacar que o bairro Restinga se posiciona como um território negro em uma cidade eminentemente branca (79,2%): 20,2% da população em Porto Alegre se autodeclarou negra (pretos e pardos) no Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), enquanto na Restinga esse percentual foi de 41,59%. O fato de o bairro Restinga possuir mais que o dobro de população negra residente já nos sinaliza um preditor para entender as dinâmicas locais.

Entrementes, a realidade se torna mais visível não apenas na observação das paisagens do bairro, mas na sua inserção no complexo e desigual tecido urbano da metrópole. O bairro Higienópolis, na zona central de Porto Alegre, computou no mesmo Censo 3,02% de população negra. Com os demais bairros limítrofes – MontSerrat, Bela Vista, Moinhos de Vento e Auxiliadora, é possível concluir que, um processo histórico de segregação socioeconômica e racial na capital seriam fatores essenciais para orientar a prática como docente, pesquisador e extensionista no *Campus Restinga*. Isto porque essa realidade não estava dissociada do ementário dos planos de ensino do *campus*. Pelo contrário, realizar atividades de extensão eram um ato complementar e sinérgico com o ensino e a pesquisa.

A inquietude, não se dava apenas no contato com a realidade que pululava no percurso de ida e volta ao trabalho, mas também nas reuniões, nos corredores e nas salas de aula do IFRS. Nesses espaços, a manifestação da branquitude e do racismo estrutural fazia (e faz) parte do cotidiano. Aqui, é importante entendermos como a *colorblindness*² impede muitos de nós de avançarmos e nos envolvermos com a realidade. Compreendo *colorblindness* a partir de Goldberg (2009), um processo histórico de apagamento da raça como chave interpretativa da sociedade e das relações sociais, desde o início do século XX, após mais de 400 anos de racialização de corpos e nações lideradas

¹ Doutor em Geografia pela UFPR. Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus Restinga*. E-mail: mauricio.polidoro@poa.ifrs.edu.br

² Utilizarei o conceito em inglês pois a tradução livre (“cegueira de cor”) tem uma perspectiva capacitista.



📍 **Figura 1.** Imagem de satélite da área do IFRS e comunidade Vida Nova em 2016 e 2021. **Fonte:** GoogleEarth.

pele colonialismo europeu e o imperialismo norte-americano. Atualmente, esse apagamento, como muito bem nos ensinam nossos (as) estudantes e pesquisadores (as) brasileiros (as), circunscreve-se em discursos e práticas que buscam simplificar problemas sociais e espaciais complexos em uma perspectiva abaladamente socioeconômica. Perspectiva essa que ignora o fator racial como uma força dirigida que mantém as iniquidades, adicionadas as outras vulnerabilidades dos sujeitos e das populações como gênero, etnia, orientação sexual e deficiências.

Neste contexto, no qual a relação entre ensino, pesquisa e extensão se colocam de maneira imbricada e indissociável, a aproximação com a comunidade Vida Nova, uma ocupação de terra pública limítrofe ao *campus* foi avançando.

Em 13 de abril de 2014 fizemos a primeira reunião com as duas lideranças daquela comunidade. Naquela oportunidade, a instalação de dois importantes equipamentos públicos próximos (o próprio *campus* do IFRS e o Hospital Geral da Restinga) compunham as transformações que o bairro atravessava, em especial com obras de condomínios populares do programa Minha Casa, Minha Vida, mas também de ocupações irregulares – como a Vida Nova. Foi a partir daquele momento, da reunião com as lideranças – duas potentes e resilientes mulheres – e representantes do Movimento Nacional dos Trabalhadores sem Teto (MTST) que as ações tiveram continuidade.

Juntamente com a comunidade, abordamos na perspectiva da extensão a questão racial e as suas interseccionalidades no bairro Restinga em 2015 (Polidoro & Demichei, 2015) e avançamos (Polidoro, 2015; Polidoro & Canavese, 2017) a partir da execução de projetos de pesquisa complementares. Realizamos, também, em 2017, a exposição fotográfica “ANÔNIMAS” (Polidoro et. al., 2017a) e, no mesmo ano, a exposição de telas “R3STINGA” (Polidoro et. al., 2017b), produzidas com imagens da comunidade Vida Nova.



📍 **Figura 2.** Exposição “R3STINGA”, em novembro de 2017 na entrada do Campus Restinga do IFRS, em Porto Alegre. **Fonte:** Acervo pessoal; Polidoro (2017b)

Em julho de 2018, realizamos uma roda de conversa intitulada “*O que une o centro e a periferia?*” no âmbito do projeto de pesquisa que buscava compreender as semelhanças e as divergências nas dinâmicas de comunidades periféricas de Porto Alegre e São Francisco, na Califórnia, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFRGS. Naquela atividade, as duas lideranças da comunidade Vida Nova (que, em 2018, também estavam vinculadas como alunas da educação de jovens e adultos do *campus*) guiaram a discussão juntamente com uma convidada da Universidade da Califórnia de São Francisco sobre a temática. Embora de contextos históricos e geográficos bastante distintos, aquela atividade permitiu compreender como a raça, um constructo social e não biológico, é primordial para identificar as raízes das iniquidades que perduram nas periferias das metrópoles (Polidoro et. al., 2018).

O diálogo com as lideranças comunitárias auxiliou no mapeamento das inúmeras demandas que corroboravam com as vulnerabilidades: falta do comprovante de endereço e as suas implicações para a vida cotidiana dos(as) moradores(as); a dificuldade de acesso ao trabalho e renda; de acesso aos serviços de saúde e educação, questões de saúde e, sobretudo, da recorrente falta ou insuficiência de água potável e energia elétrica, bem como da ausência de sanitários e da rede de coleta de esgoto e escoamento de águas pluviais.

Nesse sentido, o amadurecimento da prática extensionista implicou na aproximação com outras instituições potencialmente parceiras. A primeira delas foi a Clínica da Família, localizada no Hospital Geral da Restinga. Com o apoio da Gerência de Saúde da População Negra da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, agentes comunitários de saúde passaram a interagir com mais frequência com a comunidade Vida Nova, e profissionais de saúde atuantes na Clínica conheceram o território e as especificidades daquela população³.

Essa experiência demonstrou a potência da extensão pautada em ações interinstitucionais e de caráter multiprofissional. Isso permitiu o avanço no atendimento das demandas da comunidade. Assim, em 2019, a partir de uma solicitação de apoio da comunidade, realizamos uma intensa pesquisa de campo com o objetivo de produzir um laudo técnico situacional que embasasse a ação jurídica que a comunidade estava envolvida junto com a Prefeitura Municipal de Porto



📍 **Figura 3.** Roda de conversa “O que une o centro e a periferia?” em julho de 2018. Fonte: Acervo pessoal



📍 **Figura 4.** Visita da equipe da Clínica da Família e do IFRS na Comunidade Vida Nova, em outubro de 2018. Fonte: Acervo pessoal (2018)

³ Aqui é importante destacar que esse momento se deu antes da decisão do Supremo Tribunal Federal de extinguir o Instituto Municipal da Estratégia de Saúde da Família (IMESF) de Porto Alegre que impactou sobremaneira a qualidade da assistência à saúde na capital. Publicamos uma análise no contexto da pandemia da covid-19 no dossiê organizado pelo Observatório das Metrópoles (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia) que está disponível na internet (Polidoro, 2020).



↑ **Figura 5.** Residentes da comunidade Vida Nova realizam mapeamento colaborativo, em 2019. **Fonte:** Acervo pessoal (2019)

trajetória enquanto educador. Outras tantas revelaram a importância dos saberes da comunidade imbricados no ensino, na pesquisa e na extensão. Algumas permitem-me dizer que a burocracia e a letra fria dos papéis não acompanham os laços e afetos compartilhados com a comunidade.

Para encerrar este compartilhamento de experiência, ensaio uma reflexão sobre o que significa fazer extensão. Muito além de executar a função social do Instituto, que é uma obrigação legal, a extensão requer um envolvimento e fazer intenso também da pesquisa e do ensino. Isso porque são práticas indissociáveis (como muito bem sabemos), mas, sobretudo, são complementares e sinérgicas. Para que possamos alcançar a complementaridade e a potência da sinergia é preciso um olhar atento que considere, em sala de aula, os(as) nossos(as) estudantes e as suas realidades, o cotidiano em que estamos inseridos e os temas que perpassam a nossa prática profissional. Antes de interagirmos com a comunidade, é preciso investimento em alteridade e fraternidade.

Referências

GOLDBERG, D. T. **The Threat of Race: Reflections on Racial Neoliberalism.** Malden, MA: Wiley-Blackwell. 2009.

POLIDORO, M.; DEMICHEI, N. A. Porto Alegre: um século de urbanização. Estratégias, agentes e dinâmicas da segregação espacial na metrópole. In: **XVI Encontro Nacional da Associação Nacional de Planejamento Urbano e Regional**, 2015, Belo Horizonte. Anais do XV ENANPUR. Belo Horizonte: Editora da UFMG, v. 1. p. 1-17. 2015.

Alegre no processo de regularização fundiária. O laudo incluiu uma caracterização cartorial, territorial e um diagnóstico socioeconômico e de saúde da população residente (Polidoro et. al., 2020). Após meses de intenso trabalho em parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC) e a UFRGS o laudo foi publicado em 2019 (Polidoro et. al., 2019).

Em 16 de março de 2021 tivemos a oportunidade de acompanhar a comunidade na apresentação do Laudo Técnico do Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania do Tribunal de Justiça em Porto Alegre. Em 7 de maio de 2021, a Prefeitura de Porto Alegre enviou uma proposta para alienação (compra e venda) da área ocupada por moradores da Vida Nova (Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2021) para a regularização fundiária e, atualmente, desenvolvem estudos topográficos para os projetos de infraestrutura como a rede de abastecimento de água, coleta de esgoto e instalação da rede elétrica.

As histórias de envolvimento das ações de extensão na Restinga são inúmeras. Muitas delas profundamente reorganizaram a minha

POLIDORO, M.; CANAVESE, D. **Porto Alegre's sociopolitical urbanism and neoliberal economic dynamics**: Perspectives from a local community in the Afro-Brazilian periphery. *Local Economy*, v. 32, p. 727, 2017.

POLIDORO, M.; PEREIRA, V. L.; SILVA, A. S.; SILVEIRA, T. T.; CORRÊA, A.; CANAVESE, D.; FERREIRA, R. A. **ANÔNIMAS**. Porto Alegre: UFRGS, IFRS, 7 p.:il. ISBN 978-85-9489-042-9. 2017a.

POLIDORO, M.; FRAGA, E. V. P.; CANAVESE, D. **R3STINGA**. UFRGS, IFRS. 23 p.: il. ISBN 978-85-9489-082-5. 2017b.

POLIDORO, M.; HALL, A. R.; CANAVESE, D. O que une o centro e a periferia? Reflexões sobre Porto Alegre, Rio Grande do Sul e São Francisco, Califórnia. In: **Observatório das Metrôpoles 20 anos**, 2019, Rio de Janeiro. Anais do Congresso do Observatório das Metrôpoles 20 anos. Rio de Janeiro: Editora do Observatório das Metrôpole, v. 1. p. 635-652. 2018.

POLIDORO, M. The spaces, places, and landscapes of Brazil's Carnival: Racialized geographies and multiscale perspectives of Rio de Janeiro and Porto Alegre. In: Nicholas Wise, John Harris. (Org.). **Events, Places and Societies**. 1ed. London and New York: Routledge, 2019, v. 1, p. 1-312.

POLIDORO, M.; NIEVINSKI, F. G.; CANAVESE, D. **Laudo técnico situacional da comunidade Vida Nova, Restinga, Porto Alegre**. ISBN: 978-85-9489-147-1. 51p. 2019.

POLIDORO, M. Situação nos territórios: Comunidade Vida Nova, Restinga, Porto Alegre. In: Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro. (Org.). **As Metrôpoles e a COVID-19**: Dossiê Nacional. 1ed. Rio de Janeiro: Observatório das Metrôpoles, v. 1, p. 1-599. 2020.

POLIDORO, M.; NIEVINSKI, F. G.; SANTOS, Z. O. S. B.; CASTRO, J.; CIDADE, E.; CANAVESE, D. **Regularização fundiária e a função social do Instituto Federal**: uma experiência a partir de uma ação de prestação de serviços. *VIVER IFRS!*, v. 7, p. 54-59, 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **De forma inédita, Melo anuncia venda de área para cooperativa habitacional na Restinga**. Gabinete do Prefeito. Disponível em: <<https://prefeitura.poa.br/gp/noticias/de-forma-inedita-melo-anuncia-venda-de-area-para-cooperativa-habitacional-na-restinga>>. Acesso: 8 nov. 2021.